

O LEGADO PEDAGÓGICO DE JEAN ITARD (A pedagogia: ciência ou arte?)

*Leandro de Lajonquière**

*Agradeço a RUBEM ALVES
me ter encorajado a
desenvolver este texto e, a
CLEMCIA BARALDI me ter
aproximado à história do
Vitor.*

Resumo

O século XIX nos legou uma série de experiências médico-pedagógicas que se transformaram em paradigmas para as gerações futuras de educadores. Em particular, se destaca o trabalho de Jean Itard sobre a reeducação de um "menino selvagem". Nesse trabalho se conjugam o sensualismo, o empirismo e o naturalismo moderno.

No presente artigo será abordada apenas a relação singular entre o naturalismo moderno e a pedagogia do Iluminismo, através da comparação entre essa experiência pedagógica e o clássico romance de Rousseau. A conclusão envolve a distinção entre dois estilos pedagógicos: a "educação perversa" e a "educação negativa".

THE PEDAGOGICAL LEGACY OF JEAN ITARD. (The pedagogy: science or art?)

Abstract

The nineteenth century presented many experiences related to pedagogy and medicine which became paradigms for future educators. Particularly one can point out the work about the "enfant sauvage" by Jean Itard.

The work of Itard is the result of conjugated approaches such as sensualism, empirism and modern naturalism. Nevertheless, the present article is especially closely related to modern naturalism. The text leads to the comparison between the pedagogic experience of Itard and the classic text of Rousseau. The conclusion makes the distinction between two pedagogical ways: the "perverse education" and the "negative education".

* Tradução: Glaucia Soares Bastos

** Psicanalista, pós-graduando FE, UNICAMP.

"... o que o pedagogo pode aprender da psicanálise e pela psicanálise é saber pôr limite a sua ação: saber que não pertence à ordem de nenhuma ciência, mas da arte."
Catherine Millot.

"O critério inconfesso da noção moderna de cientificidade conserva a idéia de uma natureza já dada, no mínimo virtualmente e que a pesquisa científica tem por objeto explorar, compreender, antecipar." Clement Rosset

No seio das atuais discussões pedagógicas, quem se lembra de Jean Itard? Certamente poucos. Mas não é arriscado afirmar que este médico francês, que morreu célebre e admirado em 1838, encontra-se fantasmagoricamente presente entre nós. Então seus ideais, seus trabalhos, seu abnegado labor com o Selvagem do Aveyron encontrar-se-iam operando na memória filogenética de nossos pedagogos de hoje? Embora não se trate de uma memória genética comum à espécie dos pedagogos, a pergunta não está totalmente desprovida de sentido. E isto é assim, na medida em que Itard é o expoente de uma época na qual os movimentos da "episteme" soltam as amarras para a constituição da Pedagogia enquanto Ciência Positiva da educação moderna. É a partir de fins do século XVIII precisamente que o Saber pedagógico, entrelaçado com a psiquiatria e a filosofia do Iluminismo, adquire uma fisionomia tal que se torna paradigma para gerações futuras de educadores. Saber positivista que, convertido em ideologia dominante no terreno pedagógico, expande-se mascarado com o véu da naturalidade; e na medida em que não é relembado ele se repete sem cessar como Freud diz a propósito do Saber do Inconsciente. Evidentemente é esta viscosidade silenciosa da ideologia que nos dispensa de recorrer à biogenética de ficção para explicar a persistência entre nós do ideário de Itard. Perante esta situação cabe fazer, então, uma espécie de exorcismo desse pedaço de história apressada nos tempos do Iluminismo Tardio francês para assim desgastar sua força repetitiva. Esta, acrescentemos para não pecar por ingenuidade política, vigoriza-se no seio de uma particular trama de Saberes e estratégias de Poder na qual as instituições se reproduzem. Por conseguinte, a abordagem arqueológica da transmissão dos Saberes nos leva a levantar problemas políticos que estão à margem de soluções filosóficas ou científicas.

O trabalho de reeducação do Selvagem do Aveyron que Itard realiza se articula graças a um conjunto de idéias filosófico-científicas - o Sensualismo, o Empirismo e o Naturalismo - que fornecem sentido e coerência a cada uma das hipóteses experimentais. Assim é impossível desgarrar sua teoria das aprendizagens, em especial aquela da língua materna, de sua particular antropologia e de seu estilo de fazer ciência. Estes elementos formam um conjunto paradigmático: por um lado tornam possível sua experiência e, por outro, e na medida em que esses traços também dominam a maioria dos

espíritos pedagógicos modernos, deixam suas marcas silenciosas nas salas de aula.

No presente trabalho não nos ocuparemos das noções sobre a natureza da linguagem que estão presentes na experiência de Itard. Somente tentaremos mostrar o quanto devem a mania pedante de ensinar e a confiança cega em qualquer método de ensino, tão difíceis de erradicar das consciências contemporâneas, à época desse médico iluminista.

I

A comunidade dos sábios do século XVIII testemunha uma férrea vontade de secularização da cultura. Renunciando à tutela da religião, as ciências do homem começaram também a reclamar a ruptura dos vínculos com a metafísica. Assim, todas as afirmações sobre o homem deviam ser confirmadas pela observação positiva de dados fornecidos pela experiência. A este respeito, Roland Desné (1972:80) nos diz:

"Embora os filósofos do século XVIII possam ser caracterizados sem que lhes seja atribuída uma filosofia precisa, é evidente que eles tentavam constituir uma corrente de pensamento que se diferenciava tanto da crença religiosa como do preconceito popular. Naquela época os filósofos franceses incursionaram em todos os campos possíveis da pesquisa intelectual ao mesmo tempo em que se preocupavam com suas implicações práticas. Eles concretizaram uma espécie de emancipação do pensamento à qual corresponde a expressão das Luzes."

Sábios e filósofos fundaram numerosas sociedades científicas içando a bandeira da autonomia da Ciência. Neste contexto, três institutos da França pós-revolucionária, a "Société des Observateurs de l'Homme", o asilo de "Bicêtre" e a "Ecole pour l'éducation des enfants sourdes", encontraram reunidos, na trágica história de uma "criança selvagem", os requisitos para desenvolver uma experiência crucial. Repentinamente, um afortunado acaso colocava nos braços dos cientistas e filósofos parisienses uma criança de doze anos encontrada, em 1800, em estado de completo abandono e selvagismo em uma floresta da região do Aveyron.

Aqueles que intervieram nas discussões perceberam com clareza que Vitor, o "menino selvagem", fornecia um campo privilegiado para a observação e a validação de hipóteses. Os debates que ocorreram de certa forma foram memoráveis para a história do pensamento moderno. Entre as questões principais que foram levantadas, destacaram-se aquelas sobre a origem das idéias e sobre a maneira como as sensações impressionam a mente humana. Embora não existisse unanimidade de critérios sobre a totalidade dos assuntos, pode-se dizer que as discussões visavam contestar o dualismo filosófico

(herança cartesiana) sustentando a existência da unidade ontológica e orgânica entre as faculdades físicas e espirituais do homem e o inatismo das idéias¹.

Contudo, Vitor não era a primeira criança encontrada em estado de abandono. Casos similares, registrados a partir do século XIV, provocaram a curiosidade, o assombro e a crueldade dos captores. Porém nesta oportunidade tudo é encarado de forma diferente: Vitor desperta uma curiosidade piedosa nos camponeses, dos quais tinha fugido em 1798, e chama a atenção dos cientistas da cidade das Luzes. Quando capturado, o menino foi levado a um instituto de Rodez e nele começou a ser objeto de observação. Um professor de História Natural, Pierre Bonnanterre, escreve suas observações. Publicando-as em Paris faz com que o Selvagem se torne alvo da preocupação generalizada dos cientistas. Estes desde o começo suspeitaram da relevância que o estudo de Vitor teria para o progresso dos conhecimentos do que, sob as Luzes, chamou-se o Homem Natural e a primitiva constituição do ser humano.

Posteriormente a "Société des Observateurs de l'Homme" solicitou às autoridades de Rodez que o menino fosse enviado, para seu estudo, a Paris. Na circular remetida explicita-se aquilo que será precisamente um dos nós do debate no qual participaram filósofos, naturalistas e médicos-pedagogos, como por exemplo Pinel, Sicard, Itard e Virey. Pretendia-se demorar o processo de civilização de Vitor, controlar o conjunto de suas idéias adquiridas e estudar a maneira como ele as exprimia de forma tal a conferir se o fato de se abandonar a condição humana a si mesma é prejudicial ao desenvolvimento da inteligência. Em outras palavras, desejava-se avaliar se a influência do meio "social" sobre a naturalidade física dos sentidos está na origem das faculdades mentais.

Meses depois, Vitor chega a Paris e é alojado na escola de surdos-mudos de Sicard. Durante as primeiras semanas toda a sociedade da época desfilou perante sua cela, ávida de observação de dados positivos. Aqueles que ainda sonhavam com as românticas idéias rousseauianas sobre o Homem Natural o contemplaram com repugnância ao conferir que Vitor não

1. As críticas ao inatismo e a qualquer espécie de animismo ou espiritualismo dominavam os espíritos científicos da época. No solo francês, essas críticas foram se consolidando ao longo do século XVIII. A elas se associam os nomes de Condillac (1715-1780) e Cabanis (1757-1808). Eles, se valendo das idéias sensualistas e empiristas inglesas, arremeteram contra o racionalismo cartesiano. Nesta empresa, Condillac deu o primeiro passo afirmando que o homem se assemelha a uma estátua animada no seu interior por um espírito desprovido de idéias inatas, mas capaz de ordenar a transformação das sensações, fontes de todo conhecimento. Posteriormente foi a vez de seu aluno, Cabanis, introduzir modificações nas teorizações do mestre. Ele se opôs a considerar como possível a existência de qualquer tipo de princípio exterior à trama orgânica das reações fisiológicas desencadeadas pelos estímulos recebidos através dos órgãos sensoriais. Desta forma, com estas e outras sucesivas modificações, nos começos do século XIX se consolidava a afirmação de que a mente não era uma faculdade inata e que no seu desenvolvimento as influências do meio agem sobre a base físico-fisiológica dos sentidos. Estas idéias, fazendo as vezes de pano de fundo, permitiram que se pensasse sobre a possibilidade de educar qualquer tipo de "deficiência" mental e/ou física.

personificava de modo algum o virtuosismo de Emílio. Mas, depois de um ano, só os cientistas continuavam se ocupando de Vitor. A possibilidade de sua educação foi debatida abertamente. Muitos, como por exemplo Phillipe Pinel, ao perceberem a semelhança que existia entre Vitor e os "idiotas" dos asilos, sustentavam a impossibilidade de restaurar seus sentidos e faculdades danificados. Outros, pelo contrário, acreditaram nesta possibilidade. Este foi precisamente o caso de Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838) que, sustentando a primazia do "social" sobre o "natural" e a inexistência em Vitor de lesões congênitas, e se baseando na teoria de Sicard sobre a reeducação da diminuição física, se dedicou, durante dez anos, à sua recuperação².

II

A chegada de Vitor a Paris convulsionou os espíritos científicos. Lemos em uma publicação da época:

"(...) pressionou-se-nos para que afirmássemos que este indivíduo, chamado o Selvagem do Aveyron, cumpria com não sei qual modelo abstrato, elaborado por alguns filósofos e denominado por eles o homem no estado natural." (Autor anônimo, *Décade Philosophique*, V. 27)

Com certeza o autor destas palavras usa a expressão "modelo abstrato" referindo-se à utopia rousseauiana. Então quais eram aqueles que pretendiam substituir Vitor por Emílio? Infelizmente não podemos responder com certeza estas perguntas, já que o nosso anônimo autor mantém, por sua vez, no anonimato a seus oponentes. Porém, se a intenção de confundir Vitor com Emílio ou de asemelhar Itard a Rousseau realmente estivesse no espírito de alguns cientistas, estes não seriam mais do que uns poucos.

Vitor, perdendo-se nas florestas francesas, mostrou ao século XIX que nelas não se encontra a mítica natureza humana. Talvez, sim, a equivalência

2. Itard dá a seu trabalho de reeducação de Vitor o nome de "medicina-moral". Seus principais objetivos eram os seguintes: 1 - "Vincular Vitor à vida social, fazendo com que esta seja mais agradável que aquela outra que conheceu nas florestas e mais semelhante à vida que abandonou." 2 - "Despertar a sensibilidade nervosa através de estímulos mais enérgicos e provocar, às vezes, os afetos mais vivazes do espírito." 3 - "Ampliar o campo das idéias provocando em Vitor novas necessidades e multiplicando seus relacionamentos com os seres a seu redor." 4 - "Induzi-lo à utilização da palavra determinando o exercício da imitação através da imperiosa lei da necessidade." 5 - "Exercitar durante algum tempo as operações mais simples do espírito sobre os objetos de suas necessidades físicas, para depois aplicá-las sobre objetos que possam instruí-lo." (Itard, 1978:61). Itard publicou em 1821 o *Tratado das doenças do ouvido e da audição* e, em 1831 a *Memória sobre o autismo causado pela lesão das faculdades intelectuais*. Entretanto, foram suas *Memórias* sobre o trabalho com Vitor que inspiraram direta e explicitamente educadores como Seguin, Montessori e Alice Descoedres, que o consideraram o fundador da pedagogia experimental para inadaptados.

florestas-natureza se aninhasse com muita força no comum dos mortais que por então se lançaram às ruas de Paris para ver chegar agrilhoado o Homem Natural. Entretanto o grupo majoritário de cientistas formado por Itard e seus colegas da "Société des Observateurs de l'Homme" não abrigava tal ilusão, já que para eles esse exemplar filho da natureza não podia ser o mais natural, pois somente "(...) no seio da Sociedade o homem pode encontrar o nível eminente que a natureza lhe destinou" (Itard, 1978:53). Esta afirmação não deve nos surpreender na medida em que naquela época já se encontrava suficientemente arraigada a ideologia naturalista na sua versão moderna³.

O nosso anônimo autor, como verdadeiro representante da cientificidade da época, não confunde Vitor com Emílio. Ele tem muito claro quem é quem: o primeiro é tão somente uma monstruosidade cultural e o segundo, se se tornasse real, encarnaria o Homem Natural. Embora na totalidade do seu artigo ele não se refira expressamente ao célebre romance pedagógico, expõe com tal clareza o que se deve compreender por estado natural que não deixa dúvida nenhuma. Itard, também, nas suas memórias sobre a reeducação nos faz saber que sustenta a mesma opinião.

Mas que entendiam estes iluministas por estado natural do Homem? O anônimo colunista do *Décade Philosophique* se encarrega de nos esclarecer:

"Eu penso que todas as idéias que se podem formular sobre o Homem no estado natural podem se reduzir a três definições diversas. Analisá-las-ei (...): 1) Entendemos por Homem em estado natural ao indivíduo que não recebeu nenhuma educação, cujas faculdades só se desenvolveram pela ação do princípio último e ativo de sua existência e sem o concurso de agentes exteriores(...). Se adotarmos esta primeira definição, afirmaria que ela não corresponde ao Selvagem e que tampouco pode corresponder a indivíduo nenhum e que jamais existiu um exemplo semelhante. O Homem assim considerado só é uma abstração dos Metafísicos(...)" (1978:46)
*2) Entendemos por Homem em estado natural ao que foi modificado unicamente pelas **circunstâncias externas de nossa existência física** e não experimentou a influência de*

3. Não obstante, o que deve nos surpreender é precisamente o fato de estes cientistas estarem dominados pela ideologia naturalista, ao mesmo tempo que mantêm uma atitude de rechaço e desdém perante a obra de Rousseau, como se percebe nas palavras desse autor anônimo. Acontece que esses médicos-pedagogos eram naturalistas devedores de Rousseau sem sabê-lo. Eles leram ingenuamente sua obra e logo a rejeitaram, qualificando-a de utopia romântica. Porém não todas as premissas naturalistas foram rejeitadas com o mesmo ímpeto nem pelo mesmo motivo. Precisamente por não ser esse processo de rechaço absolutamente mecânico, foi possível, por um lado, que esses cientistas não confundissem Emílio com Vitor e, por outro, que argumentassem a favor dessa diferença como talvez o tivesse feito Rousseau, embora acreditassem que não lhe deviam nada.

*causas externas de ordem moral(...). Se adaptamos esta definição o Selvagem pode realizar esta hipótese. Mas isto não nos permite deduzir nada que possa nos servir para responsabilizar, com algum fundamento, tanto a **sabedoria da Natureza** como a dignidade da espécie humana.(...) (p.47). 3) Entendemos por Homem em estado natural ao que responde exatamente ao destino natural, que realiza as intenções que o Supremo Ordenador teve para nossa espécie. Nós consideramos o Homem em estado natural como o modelo ao qual devemos referir nossa existência se quisermos ocupar com perfeição o lugar que Ele nos conferiu na harmonia universal. (p:49) (...) A Natureza nos destinou ao estado social e ao desenvolvimento de nossas faculdades que esse estado pressupõe.(...) Resulta indubitável que nós mesmos nos afastamos dos destinos que a Natureza nos conferiu quando criamos necessidades fictícias e arbitrarias.(...) Nestes casos nós não somos, como também o Selvagem não é, homens em estado natural. Ele se afasta do modelo por causa de circunstâncias desafortunadas, **nós nos afastamos por nossa culpa**. Enquanto ele não sabe atingir o objetivo prefixado, nós vamos além dele." (p.50) (negritos nossos).*

Lendo essas linhas, não podemos mais do que nos surpreender: o anônimo autor não será por acaso, em última instância, o mesmíssimo Jean Jacques Rousseau (1712-1778)? Se não fosse porque este morreu vinte e dois anos antes da publicação do artigo, nós bem poderíamos lhe atribuir a sua autoria, já que as idéias centrais são encontradas, também, no *Emile ou de l'éducation* (1762). Idéias que, embora definam o espírito da época, nada nos esclarecem sobre aquilo que na sua essencialidade faz a natureza ser o que ela é.

No artigo da *Décade Philosophique* nos é dito que há destinos naturais, entre eles o de viver em sociedade, faculdades naturais aperfeiçoáveis e necessidades determinadas pela natureza, por oposição às fictícias e arbitrarias. Parece que se há alguma coisa que caracteriza a natureza é a noção de "força". Esta é entendida como se fosse um poder de realização que não se assemelha à eficiência humana ("nós nos afastamos por nossa culpa") nem a passividade material ("as circunstâncias externas de nossa existência física" não equivalem "à sabedoria da natureza"). Assim, a natureza é caracterizada na sua positividade pelo seu caráter de força natural e na sua negatividade pelo que ela não é (nem passividade, nem artifício humano). Parece, então, que estamos condenados a uma circularidade tautológica (talvez por destino natural?). Clement Rosset (1974:16) nos diz:

"Esta definição de natureza(...) parece não ter ganho precisão depois de Platão e Aristóteles, que foram os primeiros em defini-la pelo que ela não era: nem acaso nem artifício."

Esta caracterização grega da natureza é precisamente a que dá consistência às ideologias naturalistas que viveram no século XVIII um particular momento de euforia.

O Naturalismo, principalmente, desloca o papel do acaso na gênese da existência de tal forma que nada acontece sem ter alguma razão de ser. As existências são independentes das causas introduzidas pelo acaso (matéria) ou pela vontade dos homens (artifício): elas são resultantes da ordem das causas naturais. Deste modo, temos definida uma espécie de trilogia ontológica: 1) a ordem do artifício, sempre definido graças a uma referência antropocêntrica (aquilo que o homem pode ou não pode fazer) que marca a diferença metafísica existente entre ele próprio e a natureza. O artifício não opera senão a partir desta última, na medida em que a única autonomia que lhe é reconhecida, no sentido de poder produzir criações puramente autônomas, é a atribuída ao poder do homem para transgredir e degradar a natureza; 2) a ordem do acaso, onde impera a inércia material, na medida em que não se sujeita a princípio ou lei alguma se opõe, portanto, à sábia atividade natural; 3) a natureza, aquilo que resta quando se apagaram de todas as coisas os efeitos do artifício e do acaso. Isto que resta, na medida em que não é precisado, constitui, não apesar disso mas precisamente por isso, o conceito de natureza em toda a sua eficácia.⁴ Ninguém precisa o que resta, ninguém o conhece, porém supõe-se que alguma coisa resta, como nos diz o próprio Rousseau (1969:407/8):

"Quanto mais nos afastamos do estado de natureza mais perdemos nossos gostos naturais, ou, antes, o hábito nos faz uma segunda natureza que nós substituímos de tal forma à primeira que ninguém de nós pode conhecê-la."

No interior do sistema rousseauiano, a natureza se caracteriza por sua existência independente da atividade humana ou artifício. Aquilo que se faz pela natureza é o que se faz sem o homem - não no sentido de que o artifício não possa concorrer com a arte natural, mas no sentido de que este último age com total independência da atividade humana. Atividade que, além do mais, pode consumir ou perverter a ação da arte natural⁵. Para que o artifício possa consumir a atividade sábia da natureza é preciso imitá-la. E isto só é possível à medida que nós escutemos a natureza, já que ela nos fala como Deus a seus fiéis. Rousseau (1969: 285) nos indica onde é que está o seu oráculo:

4. Com maior precisão nós poderíamos dizer que a natureza nunca foi um verdadeiro conceito, mas um "significante" que serve de ponto de apoio para negar tudo o que existe artificialmente.

5. Rousseau parafraseia com clareza essa alternativa, dizendo: 1 - "A educação começa com a vida; quando a criança nasce já é discípula, não do professor, mas da natureza. O professor não faz mais que estudar sob o primeiro mestre e impedir que seus cuidados sejam contrariados." (1969:279). 2 - "(...) as instituições sociais nas quais nos encontramos submersos sufocaram no homem a natureza e não colocaram nada no seu lugar." (1969:245).

“Durante muito tempo nós procuramos a existência de uma língua natural e comum a todos os homens: sem dúvida nenhuma há uma, ela é aquela que as crianças falam antes mesmo de saber falar.”

Evidentemente, como o professor de Emílio confia na veracidade da mensagem natural, ele não pretende mais do que se eclipsar. Assim, situando-se sob o comando da natureza, ele a escuta para consumá-la. É assim que nos ordena para que a educação seja puramente negativa:

“(...) segue a ordem da natureza no progresso de sua educação” (1969: 311); “espie durante muito tempo a natureza, observe bem vosso aluno antes de lhe dizer a primeira palavra.” (1969: 324).

Rousseau dá à sua proposta (anti)pedagógica o nome da “Educação Negativa” na medida que “ela consiste não em ensinar a virtude nem a verdade, mas em salvaguardar o coração do vício e o espírito do erro” (1969: 323). Em nome dela ele nos solicita um voto de confiança:

“Se o Senhor pode se contentar sem fazer nada e sem deixar fazer coisa alguma (...) então os olhos do entendimento se abrirão à razão (...).” (1969: 323).

Voto de confiança que o nosso autor sabe justificar muito bem: “(...) de hábito, obtém-se certamente e com rapidez aquilo que não se tem nenhuma pressa de obter” (1969: 358). Alguns de nós pensarão que o genebrino está brincando conosco: ele nos pede que nós consumemos a obra da natureza ao mesmo tempo que nos solicita que não façamos nada. Mas Rousseau é muito claro. Ele nos diz:

“Nós fazemos um grande esforço para procurar as melhores metodologias (...) que pena! Um recurso mais seguro que tudo isso, e do qual eu sempre lhes falo, é o desejo de aprender. Dá à criança esse desejo (...) qualquer método lhe será bom.” (1969: 358).

III

Os médicos-pedagogos dos primórdios da modernidade obedeceram à ordem, dada pelo pai do Naturalismo, de escutar a Natureza para poder consumir sua arte? Evidentemente, a resposta é não, a julgar pelo relatório apresentado por Itard sobre a reeducação de Vitor. Nele nós vemos de que maneira o jovem médico, por não confiar na natureza de seu aluno, perde a paciência se aferrando cada vez mais, no meio de uma crescente decepção, ao metodismo de sua terapia médico-moral. Contudo, e além disto, pode-se

reconhecer em seu espírito científico os traços da ideologia naturalista dominante na época.

Desta forma, como Vitor pode ser imolado em nome de um Naturalismo que desconhece sua natureza? Talvez, em primeiro lugar, Itard e seus colegas não pudessem ter uma atitude diferente, na medida em que para eles simplesmente o princípio da Natureza se encontrava inativo pelo fato de Vitor ter automaticamente se extraviado do rumo natural, conferido pelo Supremo Ordenador, quando se perdeu nas florestas. Mas, a nosso ver, deve ter contribuído algum outro motivo ou raciocínio para que esses cientistas concluíssem tão apressadamente que não tinha nada que valesse a pena ser escutado na selvagem natureza do menino. De certa forma, esses iluministas podiam, também, estar confundindo a "aparência" com a "imanência do princípio ativo"; diferença que o próprio Naturalismo se encarregou de estabelecer.

Para este, o desdenhado artifício só concerne ao rosto visível das existências na medida em que estas possuem outra vertente invisível: a Natureza. Esta é o que resta e dela sempre é possível esperar pacientemente que nos revele algum segredo a mais. Desta forma, o corpo mutilado e os comportamentos repugnantes de Vitor teriam levado apressadamente a concluir que o princípio imanente, motor de todo desenvolvimento natural, encontrar-se-ia inativo. Não obstante esta nossa conjectura sobre a possibilidade dessa confusão também ser em parte válida não deve nos impedir de fazer as seguintes perguntas: 1) O que aconteceu no torvelinho das idéias de fins do século XVIII, para que ao mesmo tempo que se afirmava o naturalismo se esquecessem algumas máximas (anti)pedagógicas de Rousseau? 2) Por que a natureza de Vitor está, na consideração desses médicos-pedagogos, mais perto da frialdade da estátua de Condillac que da natureza falante de Emílio? Acontece que o nascente poder médico não só se consolida graças ao Sensualismo e ao Empirismo, mas também graças a um Naturalismo ajustado aos modernos tempos. Agora não faz mais falta esperar com paciência, como recomendara Rousseau, que a natureza se dignasse a deixar cair seus sete véus: ela já soube se mostrar o suficiente para que o homem tenha sido capaz de reduplicar a sabedoria natural no método.⁶

Naqueles tempos, acreditava-se piamente que o afã de arrancar à natureza seus segredos e de transcrevê-los em leis preditivas de seu funcionamento já não podia enfrentar mais que circunstâncias escolhidas sempre susceptíveis de serem transpostas. O conhecimento cientificamente produzido, ao mostrar-se no cotidiano como verdadeiro, não fazia mais do que confirmar o que se supunha que ele devia ser: uma fiel cópia da realidade. Desta forma, se o conhecimento produto era mera cópia, então, seu instrumento

6. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que se para Rousseau a natureza constituía um misterioso enigma que só com paciência podia ser revelado, para os "novos" naturalistas ela era só uma "coisa" cuja oculta maneira de se manifestar podia ser conhecida pela observação científica e logo reduplicada nas metodologias.

produtor, o desenho experimental, teria que reproduzir em si mesmo a própria racionalidade da natureza. Esta crença, que começa a se consolidar para depois se tornar definitiva no seio do Positivismo, sustenta a confiança ilimitada na cientificidade de qualquer metodologia. Daí em diante, a tão célebre observação sem preconceito da realidade poderá trazer dados para acrescentar, confirmar ou desmentir uma teorização em particular, mas nunca chegará a pôr em dúvida a capacidade potencial de qualquer modelo conceitual para representar pontualmente a razão de ser do real.

Itard e seus colegas acreditavam que já tinham arrancado à natureza a secreta lógica de suas manifestações. Os modelos que esses Sábios possuíam os imbuíam de um tal poder de controle e de previsão que nada mais podia nem devia surpreendê-los. Eles acreditavam que agora bastava obrigar qualquer criatura a se comportar segundo os destinos naturais que eles mesmos pensavam, por fim, ter desvelado depois de ter espiado parcialmente a natureza. Desta maneira, as mais variadas metodologias destinadas aos mais diversificados fins (pesquisar cientificamente, ensinar cientificamente, etc.) são revestidas de uma natural transparência. É nesse contexto de surgimento de inúmeras receitas que o Saber médico, detentor por excelência dos segredos da natureza humana, passa a usufruir da potestade religiosa de impor regras de bom comportamento'. Por isso, Vitor, "o selvagem", não podia ser considerado senão uma mera tela muda sobre a qual a época devia projetar todo o saber natural de que dispunha.

Vitor proporcionava a Itard a grande oportunidade deste se converter em uma espécie de escultor da natureza. Sua terapia de reeducação devia ser aplicada com fé cega até conseguir reencaminhar os comportamentos de Vitor para os trilhos da naturalidade, ou seja, até que esse pedaço de realidade se manifestasse de acordo com seu princípio natural. Conseqüentemente, nosso jovem médico e abnegado pedagogo utiliza toda sua inventividade para construir admiráveis artifícios que possibilitassem ativar o princípio imanente da natureza que acidentalmente tinha emudecido. Somente bastava que Itard se aferrasse aos passos metodológicos da mesma forma como costumam recomendá-los os modernos manuais sobre métodos de ensino. Vitor deveria responder de acordo com os estandardizados parâmetros de desenvolvimento que todo método supõe. Mas pouca coisa aconteceu como foi planejado. Itard não conseguiu mais do que fracos progressos no "adestramento" do seu selvagem. No campo da aprendizagem da língua, onde se tinham cifradas as maiores esperanças, o fracasso foi estrepitoso. Apesar disso, o iluminado pedagogo em nenhum momento se deteve para refletir sobre a possibilidade de que sua estratégia estivesse errada. Bem como, principalmente, não se deteve para pensar que seus artifícios experimentais podiam não ter a capacidade de representar com fidelidade o ato mesmo de aprender. Ele nunca suspeitou, enfim, que seus artifícios destinados a encaminhar a natureza aparente de Vitor não fossem, também eles, mais do que simulacros,

7. A respeito, Maud Mannoni, em seu livro *L'éducation impossible*, faz referência à existência de uma obra da época escrita pelo médico Dermileau e que exemplarmente tem por título "Catecismo".

e não fiel expressão da fantasmagórica sabedoria natural. Desta forma, todo desacerto se devia às resistências que Vitor colocava à aprendizagem. Poder-se-ia dizer que nosso pedagogo da modernidade não conseguia ver além de suas cartilhas, da mesma maneira como também não consegue fazê-lo a maioria dos contemporâneos. Acrescentemos que estas típicas atitudes pedagógicas são as que precedem todo diagnóstico de inaptidão. Assim aconteceu com Vitor quando Itard, cansado de colher mais desacertos que sucessos no ensino da língua, considerou, então, que o aluno era incapaz de aprendê-la por causa de uma lesão nos órgãos fonadores. Assim também acontece quando qualquer docente, igualmente desesperado, encaminha seu aluno ao neurologista à espera de que o Saber médico confirme sua hipótese sobre a inaptidão da criança.

Em poucas palavras, podemos dizer que Itard encarna sublimemente esse "furo pedagógico" que não reconhece barreira alguma para sua empresa. Em certo sentido, ele conseguiu realizar o desejo inconsciente de qualquer educador: encontrar esse aluno ideal, espécie de sujeito desprovido de todo saber e disposto a se despojar docilmente de toda sua ignorância pelas mãos de seu mestre⁸. Esse desejo inconsciente é o que sustenta o traçado de qualquer educação que se pense a si mesma como sendo ideal e que, pretendendo consumir uma especial missão civilizadora, não faz mais que perverter a relação pedagógica. Fato que, por estar claramente presente na experiência educativa de Itard, faz dela uma bom exemplo do que Maud Mannoni chama "educação perversa"⁹. Em uma posição equidistante se encontram aquelas experiências (anti)pedagógicas das quais nos fala Rousseau. Evidentemente, o autor do *Emílio* não podia mais que postular como modalidade básica da relação professor-aluno sua (em absoluto científica) "educação negativa" na medida em que as premissas de partida não são completamente homologáveis às sustentadas por Itard e seus colegas, apesar de caber a todos eles o mote de naturalistas.

Os médicos-pedagogos da modernidade se valeram cegamente de seus artifícios metodológicos para consumir o labor natural, já que não desconfiavam em absoluto de sua capacidade de imitação da natureza. Eles imaginavam ter conseguido igualar o poder do artifício ao da sabedoria natural. Em outras palavras, eles resolveram o dilema básico do naturalismo: de agora em diante não existe possibilidade alguma de transgredir os destinos naturais.

8. O fato de Itard não ter conseguido seu propósito de reeducar Vitor só contraria aparentemente nossa afirmação, pois dizer que o "desejo inconsciente" se "realiza" não equivale a dizer que ele se "satisfaz". Psicanaliticamente falando, neste caso particular, esse desejo tem a oportunidade de se realizar na medida em que o próprio Itard se empenha no seu trabalho.

9. A autora cria a expressão "educação perversa" a propósito da análise que fez das propostas pedagógicas do médico alemão do século XIX chamado Daniel G. Moritz Schreber. No primeiro capítulo de seu livro *L'éducation impossible*, não só encontramos os elementos necessários para julgar o grau de semelhança que mantém entre si as experiências pedagógicas de Itard e Schreber, mas também, e fundamentalmente, a grande pertinência que têm os estudos de inspiração freudo-laciana sobre as problemáticas educacionais.

Ao contrário, Rousseau, por princípio, decide se manter alerta sobre os efeitos que sua própria intervenção pedagógica pode suscitar. Esta pode tanto consumir como transgredir o impulso da arte natural. Dilema fundamental que motiva que o pai do Naturalismo moderno desconfie parcialmente de sua própria capacidade para imitar a natureza. Por conseguinte, ele tem que se dispor a esperar que aquela lhe ensine sempre algum outro novo segredo que com certeza aumentará as chances de sucesso da empresa pedagógica de consumação da obra natural. Pode-se dizer que Rousseau está consciente, por um lado, de que não sabe **a priori** do que Emílio pode estar precisando para saber mais e, por outro, de que tomará conhecimento disso, precisamente, na medida em que seu aluno o confesse com naturalidade. Para que isto aconteça, Rousseau decide eclipsar seu lugar de mestre onipotente, recorrendo a uma complicada rede de astúcia e engenhosos recursos. Esta consiste em um conjunto de perdas simuladas na floresta, humilhações e triunfos aparentes infligidos a Emílio (estória do jogador de dados), e preparação fictícia de sentimentos que se pressupõem mais naturais (estória de Sofia e do Vicário). Evidentemente o romântico pedagogo, recorrendo a esta parafernália artificial para conseguir que Emílio se desenvolva com naturalidade, termina provocando um resultado contrário ao esperado.

Rousseau desejava que a natureza aninhada em seu aluno manifestasse espontaneamente sua racionalidade, sua razão de ser natural, para assim poder consumá-la imitando-a. Mas suas artificiais intervenções fazem fracassar sua empresa na medida em que provocam a manifestação de um mero simulacro. Este se interpõe entre ele e a natureza fazendo que esta se torne cada vez mais fantasmagoricamente inacessível. Ele procurava uma natureza que espontaneamente lhe confessasse do que precisava, mas acabava sempre lhe arrancando uma forçosa confissão. Clement Rosset (1974:21) escreve a este respeito:

"(...) o efeito de retorno do artifício que trai a empresa naturalista pode ser considerado, em certo sentido, como natural, isto é, como necessidade da qual é impossível fugir; mas a condição de precisar que esta necessidade do artifício não significa mais que a impossibilidade de atingir um natural fantasmagórico e que, em uma perspectiva artificialista, a assunção do artifício designa paradoxalmente o que há de mais natural no homem (...). Todo esforço com o fim de fugir do artifício recai nele com usura, levando a uma acentuação do artifício, ou seja, a uma construção mais artificial que o artifício do qual se pretendia desembaraçar."

No desconhecimento deste paradoxo incorrem tanto Rousseau como Itard. Mas, enquanto este último e seus colegas decidem diretamente ignorá-lo se dedicando a encaminhar Vitor para os destinos naturais, o primeiro suspeita com tibieza da impossibilidade de sua resolução. E é precisamente esta atitude a que motiva que, em última instância, Rousseau encare com resignada paciência e curiosidade a paradoxal "educação negativa" de Emílio.

Tanto uns como o outro não podiam perceber, por tributar do mesmo preconceito naturalista, que nunca poderiam consumir a natureza humana na medida em que sua imitação é radicalmente impossível.

A constituição de uma subjetividade não segue nenhuma racionalidade susceptível de ser reproduzida estandardizadamente. Desta forma, a lógica das aprendizagens não pode ser conhecida **a priori**. Cada sujeito percorre um percurso particular guiado por seu "desejo de saber". Assim como as estratégias que ele articula em absoluto são previsíveis, então nunca se deve esperar que seja possível algum dia descrever pontualmente e **a priori** a racionalidade das aprendizagens¹⁰. Rousseau, porém, alguma coisa de tudo isto suspeitou, diferentemente de Itard. Ele apenas não conseguiu conceituar o caráter aberratório do "desejo inconsciente" a respeito de toda lei natural, como o faz a psicanálise. É esta, precisamente na sua vertente freudo-lacaniana, a que, se enquadrando na tradição do pensamento artificialista, nos possibilita fugir dos paradoxos naturalistas. Mas o fato de Rousseau não ter avançado nesta direção e o de Itard, diretamente, não ter suspeitado minimamente do assunto, não impede que as teorizações e experiências de cada um constituam-se em paradigmas pedagógicos eqüidistantes. Por um lado, temos o da "educação perversa", que faz questão de ser reconhecida como científica, e, por outro, o da "educação negativa", que se resigna a se situar mais perto das artes (e da psicanálise). A cada um deles tentam se filiar simbolicamente diferentes modalidades de ensino: ao romance pedagógico se ligam, em maior ou menor medida e em forma mais ou menos explícita, todas as propostas de alternativa pedagógica; e à experiência científica de Itard, infelizmente, o sistema oficial de ensino.

BIBLIOGRAFIA

AUTOR ANÔNIMO. "Reflexiones sobre el salvaje del Aveyron y sobre lo que se denomina, em general, em relación al hombre, el estado de naturaleza". In: MONTANARI, A. (Org.). *El salvaje del Aveyron...* Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1978.

10. Estas palavras não devem ser interpretadas no sentido de que estaríamos afirmando a impossibilidade de traçar estratégias metodológicas de ensino. A psicanálise tão somente nos mostra que os processos de aprendizagem, apesar de podermos identificar neles constantes estruturais, não se sujeitam a nenhuma racionalidade "fechada" que possibilite fazer predições clássicas. Em certo sentido, dizer que o "desejo de saber" se realiza nos processos de aprendizagem é equivalente a afirmar que neles o acaso altera qualquer obrigatoriedade natural. Desta forma, estamos tão condenados como Rousseau a intervir em um processo que não pode ser controlado e sobre o qual nossos artifícios pedagógicos desencadeiam efeitos impossíveis de calcularmos **a priori**. Não obstante, sempre **a posteriori** podemos construir uma racionalidade que nos explique as mudanças que aconteceram. Porém, construção que tão somente nos orientará precariamente no nosso trabalho pedagógico, já que ao pôr em ação as estratégias metodológicas, que derivamos dela, desatamos involuntariamente o paradoxo que nos aprisiona.

DESNE, R. "La philosophie française au XVIIIème siècle". In: CHATELET, F. (Org.). *Histoire de la philosophie*. Paris, Hachette, 1972. V.IV, cap.4.

ITARD, J. "Memoria sobre los primeros progresos de Victor del Aveyron". In: MONTANARI, A. (Org.). *El salvaje del Aveyron...* Buenos Aires, Centro Editor, 1978.

MANNONI, M. *La educación imposible*. México, Siglo XXI Editores, 1983, cap. 1; 5.

PINEL, P. "Relación presentada ante la Société des Observateurs de l'Homme sobre el niño salvaje del Aveyron". In: MONTANARI, A. *El Salvaje del Aveyron...* Buenos Aires, Centro Editor, 1978.

ROSSET, C. *La anti-naturaleza*. Madrid, Ediciones Taurus, 1974.

ROUSSEAU, J.J. "Émile ou l'éducation". In: *Oeuvres Complètes*. Paris, Gallimard, 1969. V. 4.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

MIALARET e DEBESSE. (Org.). *Traité des Sciences Pédagogiques*. Paris, PUF, 1971. V.1.

MANNONI, O. "Itard e seu selvagem". In: *Chaves para o imaginário*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MENIN, O. *Psicologia de la educación del adulto*. Rosario, UNR, 1986. cap. I.

MILLOT, C. *Freud anti-pedagogo*. Barcelona, Paidós, 1982.

MONTANARI, A. (Org.). *El salvaje del Aveyron: psiquiatría y pedagogía en el iluminismo tardío*. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, 1978.